

A Questão dos Limites¹

David Figueirôa

Desafiar alguns dos limites estabelecidos é um factor de liberdade, crescimento, mudança. Ultrapassar outros limites é um factor de onnipotência, confusão, hetero ou auto-destrutividade. Aceitar alguns limites é um factor de segurança, adaptação, consideração. Submetermo-nos a outros limites é um factor de inibição, repressão, acomodação patológica.

As questões relacionadas com os limites colocam-se quer quanto ao desenvolvimento humano e à constituição da vida psíquica e relacional (e às suas permanentes actualizações), quer quanto aos contextos social, político ou científico, quer ainda ao contexto clínico. A questão é complexa, mas essencial aos equilíbrios da vida psíquica, social e clínica e é importante pensá-la, nas suas diversas vertentes, como propusemos neste fórum psicanalítico.

Vemos, actualmente, na clínica, expressões várias de dificuldades relacionadas com questões de limites. Não só se expressam nas problemáticas “clássicas” relacionados com a agressividade ou a sexualidade ou ainda nas dificuldades da diferenciação entre mim e o outro, o dentro e o fora, o subjectivo e o objectivo, mas também em configurações emergentes na contemporaneidade, como na identidade de género, quando em contradição com a identidade biológica, contradição essa tomada por vezes na perspectiva única (paradoxalmente redutora) da expressão de direitos e liberdades; ou nas questões relacionadas com a expansão do uso das tecnologias e da inteligência artificial, onde estão já imersas as novas gerações, desde o início da vida, criando novos desafios (e possibilidades) à articulação das diferenciações e equilíbrios necessários à vida psíquica.

Vivemos, nós e as nossas crianças, num mundo que está perante a ameaça de ruptura ecológica que pode levar à nossa extinção, reacendem-se angústias e medos relacionados com o nosso potencial de autodestruição pela via das

1 Introdução, enquanto Presidente da Mesa, à conferência de Manuel Matos "A questão dos Limites e os Limites em Questão".

armas nucleares, novas guerras eclodem com infinitas variações de violência e destruição, permanecem e agravam-se alguns dos desequilíbrios demográficos e desigualdades sociais, reemergem os nacionalismos e as lógicas totalitárias e polarizadas para o domínio sobre o outro. Milhões de pessoas, demasiados adultos, demasiadas crianças, continuam com fome, em situação de pobreza, em situação de abuso, em situação de guerra. Expressões de desequilíbrio, expressões talvez da dificuldade na articulação de limites vários, criando espirais de ansiedade e trauma. Ansiedades e medos, traumas e perturbações diversas que também nos entram no consultório e nos exigem que os pensemos aí e para além.

Vivemos também num mundo que se renova, nas suas estruturas culturais mais profundas. O paradigma e as estruturas da sociedade patriarcal, machista, hierárquica, está, lentamente, a dismantelar-se (gerando também contramovimentos poderosos, como serão expressão algumas das dinâmicas atrás mencionadas), estando, lentamente, a constituir-se um paradigma com estruturas culturais e sociais mais igualitárias, livres e considerantes do Outro. É de tal forma profunda e estrutural esta mudança que se reflecte em todas as áreas da vida humana.

Também na psicanálise.

A psicanálise constituiu-se no final do sec. XIX dentro de um sistema de valores culturais, sociais e científicos que, ao mesmo tempo, abraçou e desafiou. Abraçou, por exemplo, nas exigências de uma ciência positivista, materialista e determinista, ou nas suas lógicas falocêntricas. E desafiou, com um carácter subversivo e mesmo libertário, no melhor dos sentidos, confrontando estruturas de poder e pensamento com ideias tão perigosas (“eles não sabem que lhes trago a peste”) como as da motivação inconsciente, a sexualidade infantil, a sexualidade feminina, a importância da criança, o valor da subjectividade e do sentido, *etc.*

A experiência diz-nos que as estruturas subversivas e revolucionárias, vingando, tendem à acomodação num sistema dominante. Também na psicanálise se reflectiu esta tendência humana de normalizar o excepcional, vemo-lo na ciência como na religião ou nos movimentos políticos e sociais ou na relação íntima. Uma boa parte da instituição psicanalítica pós-freudiana tornou-se conservadora, autoritária, opressora, na sua mentalidade e na sua cultura, na sua 'casa' e na sua clínica.

A emergência da psicanálise relacional é um movimento teórico e clínico e, também, um movimento cultural. Que recupera a têmpera subversiva freudiana, aliando-a ao movimento cultural amplo da nossa geração, na renovação das estruturas sociais e culturais, científicas e clínicas.

Também na psicanálise os limites se estão a reorganizar. A relação clínica estabelece-se em modalidades novas. O diálogo, a interacção e a intersubjectividade tornam-se a expressão e o foco mais comuns no campo analítico, os settings externo e interno reformulam-se, a autoridade do analista desloca-se para o critério do paciente, a “mutualidade assimétrica” veio para ficar. Desenvolve-se o “espaço intermédio”, “transicional” e “potencial” entre o inconsciente e o consciente, entre o intrapsíquico e o interpessoal, entre o “objecto subjectivo” e o “objecto objectivo”, entre a emoção e a razão, entre o afecto e o pensamento, entre o “conhecimento” e a “cura”, entre o velho e o novo, entre mim e o outro, entre sujeitos neste mundo - desafiando limites e criando novos equilíbrios.

Nestes fóruns (as Jornadas e o presente número da Revista PsiRelacional), alguns destes temas são abordados frutuosamente sob este “vértice” dos limites, outros estão latentes, aguardando novas oportunidades. Começamos com um importante texto de Manuel Matos e o não menos relevante comentário de Hélder Chambel, e seguimos depois com os autores que nos acompanharam nas jornadas. Seguimos, também, consigo, que, lendo e reflectindo sobre estas páginas, nos acompanha neste percurso que, desejavelmente, encontrará novos momentos e fóruns para se desenvolver.

David Figueirôa

Presidente da Direcção da PsiRelacional